

## Introdução á Esthetica.

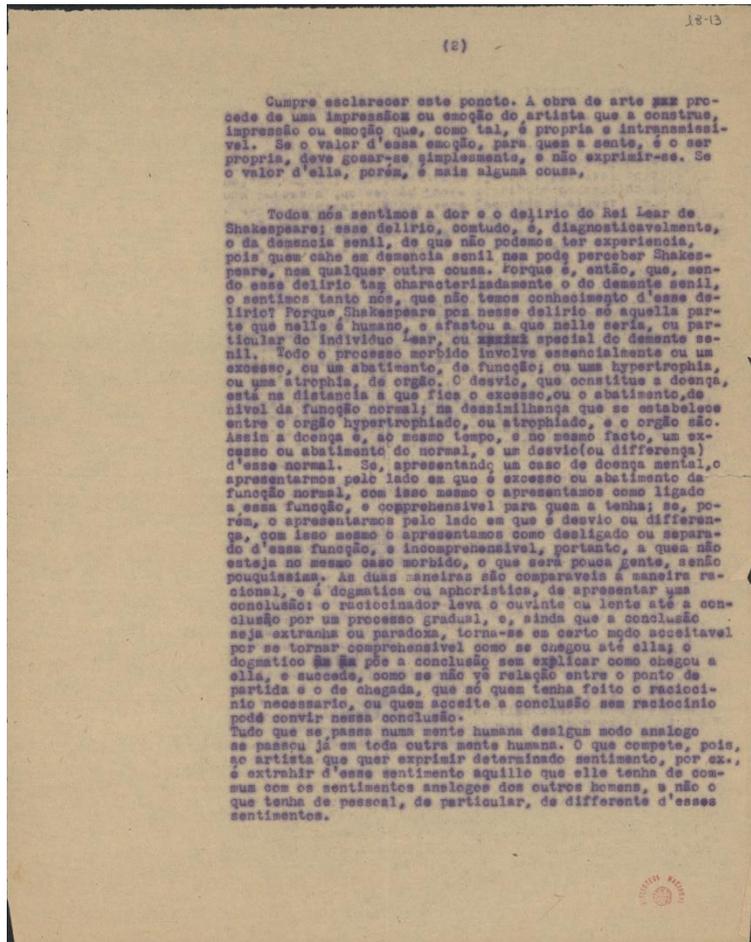
... Exigir de sensibilidades como as nossas, sobre que ~~passaram~~ pesam, por herança, tantos seculos de tantas cousas, que sintam e portanto se exprimam com a limpidez, e a innocencia de sentidos, de Sappho ou de Anacreonte, nem é legitimo, nem ~~logico~~ razoavel. Não é no conteúdo da sensibilidade que está a arte, ou a falta d'ella: é no uso que se faz d'esse conteúdo.

... Distinguiremos na arte, como em tudo, um elemento material, e um formal. A materia da arte, dá-a a sensibilidade, a fórma, dirige-a a intelligencia. E na fórma ha, ainda, duas partes a considerar: a fórma concreta ou material, que se prende com a materia mesma da obra, e a fórma abstracta ou immaterial, que se prende só com a intelligencia e depende de suas leis immutaveis.

Trez são as leis da fórma abstracta, e, como são da fórma abstracta, applicam-se a todas as artes e a todas as fórmas de cada arte. Abdicar d'ellas é abdicar da mesma arte. Podemos eleger quebrar taes leis; não podemos, porém, elegendo-o, presumir que fazemos arte, pois a arte consiste, mais que em qualquer outra cousa, na obediencia a essas leis. As trez leis da fórma abstracta são: a ~~unive~~ unidade; a universalidade ou objectividade; e {...}

Por *unidade* se entende que a obra de arte ha de produzir uma impressão total definida, e que cada seu elemento deve contribuir para a producção d'essa impressão; não havendo nella nem elemento que não sirva para esse fim, nem falta de elemento que possa servir para esse fim. É uma falha artistica, por exemplo, a introdução ~~em um poema, que~~ em um poema de um trecho, por bello que seja, que não tenha relação necessaria com o conjuncto do poema, como o é, mais palpavelmente, a introdução em um drama de uma scena em que, por grande que seja a força ou a graça propria, a acção pára ou não progride, ou, o que é peor, se atraza.

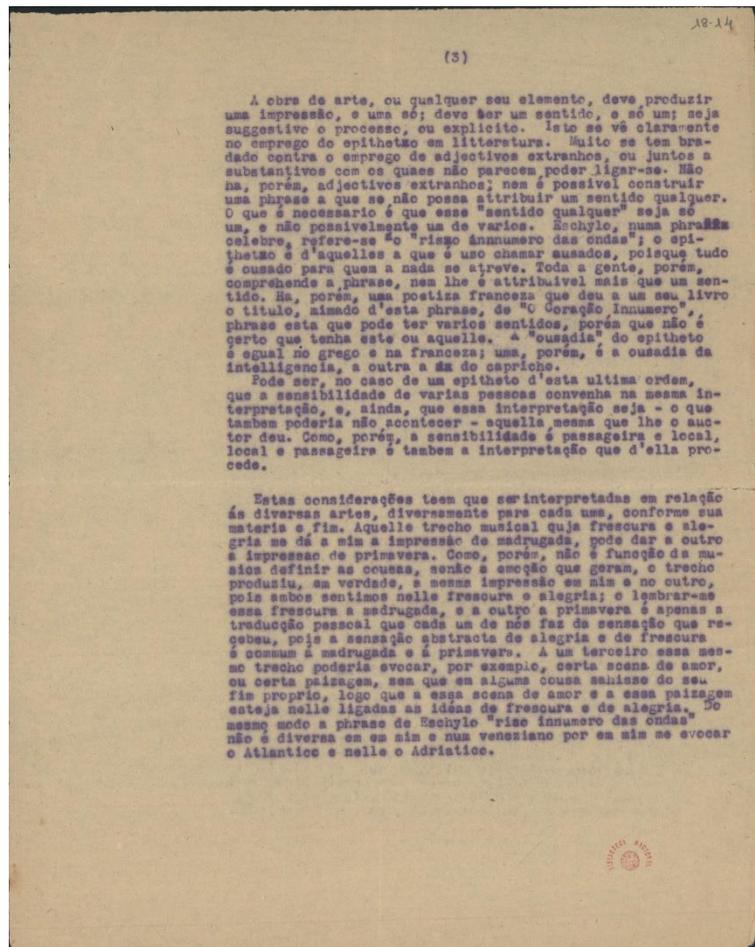
Por *universalidade*, ou *objectividade*, se entende que a obra de arte ha de ser immediatamente comprehensivel a quem tenha o nivel mental necessario para poder comprehendel-a. Quanto mais altamente intellectual fôr uma obra de arte, maior será, em principio, a sua universalidade, poisque a intelligencia abstracta é a mesma em todos os tempos e em todos os logares - dada a especie humana no nivel de tel-a -, enquanto a sensibilidade varia de tempo para tempo e de logar para logar.



Cumpra esclarecer este ponto. A obra de arte ~~par~~ procede de uma impressão ou emoção do artista que a construe, impressão ou emoção que, como tal, é própria e intransmissível. Se o valor d'essa emoção, para quem a sente, é o ser, própria, deve gosar-se simplesmente, e não exprimir-se. Se o valor d'ella, porém, é mais alguma cousa, {...}

Todos nós sentimos a dor e o delirio do Rei Lear de Shakespeare; esse delirio, contudo, é, diagnosticavelmente, o da demencia senil, de que não podemos ter experiencia, pois quem cahe na demencia senil nem pode perceber Shakespeare, nem qualquer outra cousa. Porque é, então, que, sendo esse delirio tam caracterizadamente o do demente senil, o sentimos tanto nós, que não temos conhecimento d'esse delirio? Porque Shakespeare poz nesse delirio só aquella parte que nelle é humano, e afastou a que nelle seria, ou particular do individuo Lear, ou ~~especial~~ special do demente senil. Todo o processo morbido envolve essencialmente ou um excesso, ou um abatimento, de função; ou uma hypertrophie, ou uma atrophie, de orgão. O desvio, que constitue a doença, está na distancia a que fica o excesso, ou o abatimento, do nivel da função normal; na dessimilhança que se estabelece entre o orgão hypertrophiado, ou atrophiado, e o orgão são. Assim a doença é, ao mesmo tempo, e no mesmo facto, um excesso ou abatimento do normal, e um desvio (ou differença) d'esse normal. Se, apresentando um caso de doença mental, o apresentarmos pelo lado em que é excesso ou abatimento da função normal, com isso mesmo o apresentamos como ligado a essa função, e comprehensivel para quem a tenha; se, porém, o apresentarmos pelo lado em que é desvio ou differença, com isso mesmo o apresentamos como desligado ou separado d'essa função, e incomprehensivel, portanto, a quem não esteja no mesmo caso morbido, o que será pouca gente, senão pouquissima. As duas maneiras são comparaveis á maneira racional, e á dogmatica ou aphoristica, de apresentar uma conclusão: o raciocinador leva o ouvinte ou lente até a conclusão por um processo gradual, e, ainda que a conclusão seja extranha ou paradoxal, torna-se em certo modo accetavel por se tornar comprehensivel como se chegou até ella; e dogmatico ~~pe pe~~ põe a conclusão sem explicar como chegou a ella, e succede, como se não vê relação entre o ponto de partida e o de chegada, que só quem tenha feito o raciocinio necessario, ou quem acceite a conclusão sem raciocinio pode convir nessa conclusão.

Tudo que se passa numa mente humana de algum modo analogo se passou já em toda outra mente humana. O que compete, pois, ao artista que quer exprimir determinado sentimento, por ex., é extrahir d'esse sentimento aquillo que elle tenha de commum com os sentimentos analogos dos outros homens, e não o que tenha de pessoal, de particular, de differente d'esses sentimentos.



A obra de arte, ou qualquer seu elemento, deve produzir uma impressão, e uma só; deve ter um sentido, e só um; seja suggestivo o processo, ou explicito. Isto se vê claramente no emprego do epitheteo em litteratura. Muito se tem bradado contra o emprego de adjectivos extranhos, ou juntos a substantivos com os quaes não parecem poder ligar-se. Não ha, porém, adjectivos extranhos, nem é possível construir uma phrase a que se não possa attribuir um sentido qualquer. O que é necessario é que esse "sentido qualquer" seja só um, e não possivelmente um de varios. Eschylo, numa phrase celebre, refere-se ao "riso innumero das ondas"; o epitheteo é d'aquelles a que é uso chamar ousados, poisque tudo é ousado para quem a nada se atreve. Toda a gente, porém, comprehende a phrase, nem lhe é attribuivel mais que um sentido. Ha, porém, uma poetiza franceza que deu a um seu livro o titulo, mimado d'esta phrase, de "O Coração Innumero", phrase esta que pode ter varios sentidos, porém que não é certo que tenha este ou aquelle. A "ousadia" do epitheto é igual no grego e na franceza; uma, porém, é a ousadia da intelligencia, a outra a ~~da~~ do capricho.

Pode ser, no caso de um epitheto d'esta ultima ordem, que a sensibilidade de varias pessoas convenha na mesma interpretação, e, ainda, que essa interpretação seja - o que tambem poderia não acontecer - aquella mesma que lhe o auctor deu. Como, porém, a sensibilidade é passageira e local, local e passageira é tambem a interpretação que d'ella procede.

Estas considerações tem que ser interpretadas em relação ás diversas artes, diversamente para cada uma, conforme sua materia e fim. Aquelle trecho musical cuja frescura e alegria me dá a mim a impressão de madrugada, pode dar a outro a impressão de primavera. Como, porém, não é função da musica definir as cousas, senão a emoção que geram, o trecho produziu, em verdade, a mesma impressão em mim e no outro, pois ambos sentimos nelle frescura e alegria; e lembrar-me essa frescura a madrugada, e a outro a primavera, é apenas a traducção pessoal que cada um de nós faz da sensação que recebeu, pois a sensação abstracta de alegria e de frescura é commum á madrugada e á primavera. A um terceiro esse mesmo trecho poderia evocar, por exemplo, certa scena de amor, ou certa paisagem, sem que em alguma cousa sahisse do seu fim proprio, logo que a essa scena de amor e a essa paisagem esteja nelle ligadas as idéas de frescura e de alegria. Do mesmo modo a phrase de Eschylo "riso innumero das ondas" não é diversa em em mim e num veneziano por em mim evocar o Atlantico e nele o Adriatico.

---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).